

Cadeira nº 29

ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA ELIZABETH  
MADUREIRA SIQUEIRA, PELO PRESIDENTE, JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES  
MONTEIRO

22 de novembro de 1995

O que acabamos de ouvir: uma viola-de-cocho, instrumento aqui nascido e aqui produzido, tangido pelas hábeis mãos do maestro Abel Santos, *cantando* o Hino Nacional, foi uma autêntica e reverente saudação da própria terra cuiabana à Pátria Brasileira. Daí a razão pela qual solicitei, dos presentes, silêncio e atenção: para que esta bela *voz* fosse atentamente ouvida e apreciada.

Assim abrem-se as portas da Casa Barão de Melgaço para um duplo e grato evento: receber mais um Membro Efetivo da Academia Matogrossense de Letras e homenagear a Música, no dia da sua padroeira - Santa Cecília.

A música é o mais democrático meio de autêntica expressão do sentimento, e, a voz humana seu mais belo e difundido instrumento. Mesmo indigentes, analfabetos e desconhecedores de quaisquer rudimentos da teoria musical, podem expressar, em simples cantarolar, um estado d'alma. A música será sempre universal: sem fronteiras linguagem, ideologia, religião e distinção social.

E, como a música, e sua Padroeira, já foram apreciadas e reverenciadas nesta Cuiabá!...

A mais nova das minhas três irmãs, que já possuía outro nome escolhido antes de nascer, ao vir ao mundo, foi chamada Cecília, pela minha mãe, por ter nascido a 22 de novembro. E nem poderia ter sido de outra forma, em uma terra onde, neste dia, já éramos despertados pela banda do Mestre Inácio - com todos os componentes uniformizados de branco - que, saindo da casa do maestro, próxima ao Tanque do Baú, percorria as ruas das adjacências antes de subir a colina da Igreja do Rosário para a missa festiva em louvor à festejada Santa.

Porque Padroeira da Música não sei, porém, o *Breviarum Romanum* nos conta que a jovem romana, de família nobre, fora educada como cristã e consagrada ao Serviço Divino desde a infância. Entretanto, foi dada em casamento, pelos próprios pais, a Valeriano - a quem converteu ao cristianismo e conseguiu fazê-lo respeitar-lhe os votos. Valeriano, Tibúrcio - seu irmão - e Máximo - seu amigo íntimo, foram martirizados pouco depois. Cecília, prevendo a mesma sina, distribuiu, aos pobres, todos os bens que possuía; o que levou o prefeito de Roma a condená-la a morrer queimada, em sua própria casa. Transcorria o ano de 230: reinado de Alexandre Severo e papado de Urbano I.

Não podendo mais alongar-me, volto à Cuiabá de outrora para homenagear o mestre Inácio Constantino de Cerqueira que a minha lembrança, de menino, me trás como um preto alto e espigado que, com muito esforço, mantinha a sua escola de música.

No Dia da Música havia festa com desfile de banda, Santa em andor, Missa e, depois, almoço em casa do Mestre, do qual participavam, também, as bandas do 16º BC e da Polícia Militar - onde se achavam muitos dos seus ex-alunos.

Homenageio, ainda, as duas professoras, particulares, de piano, que tive na infância: Maria de Lourdes Oliveira e Zulmira Canavarros - esta, objeto de interessante trabalho recentemente publicado pelo apreciado escritor, acadêmico Benedito Pedro Dorileo, intitulado *Centenário da Egéria Cuiabana*. Vêm-me à memória, neste instante, velhos companheiros de belas serestas, quando Cuiabá, ainda pequena e pacata, em noites enluaradas, se tornava encantado, belo e profano presépio prateado, muito inspirador para o canto às musas adormecidas que, por nós, eram despertadas dos seus sonhos virginais.

Dentre os membros da Academia Matogrossense de Letras, rendo as minhas homenagens à confreira Dunga Rodrigues - hoje nome de importante conservatório de música. Homenageio, também, os que constantemente se fazem presentes nesta Casa, deliciando-nos com belas execuções musicais que tanto enriquecem os nossos eventos, como o Coral de Secretaria Municipal de Cultura e os artistas que hoje nos brindarão com interessantes números musicais. Temos a ventura de contar, ainda, entre nós, com a convivência de Nilson Constantino: por muitos anos líder do Conjunto Serenata, muito apreciado pela sociedade cuiabana, composto pelos saudosos Tóte Garcia, Hermínio Virgínio, Juvenílio de Freitas, Armínio Albernaz, Odare Vaz Curvo e outros diletantes desta Arte. Homenageio, enfim, todas as Cecílias nascidas neste dia e todos os sensíveis aos encantos da música.

À suavidade das vibrações da minha alma - produzidas pela grata lembrança de tantos apreciadores da música - somo a satisfação de receber, neste Sodalício, a acadêmica Elizabeth Madureira de Siqueira - historiadora, professora da UFMT e autora de importantes obras publicadas sob a forma de livros e artigos em jornais e revistas.

A empossanda já pertencia à Casa Barão de Melgaço, como um dos mais ativos membros, que é, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ao qual vem prestando relevantes serviços; em contraste com outros, a maioria, que, após empossados e diplomados, esquecem a História e somem na Geografia sem, jamais, colaborar ou cumprir obrigações, de qualquer natureza, com aquela nobre instituição. Estes, parecem ignorar a enormidade de serviços que poderiam prestar à comunidade mato-grossense - cada dia maior pela soma de novos componentes, por nascimento ou adoção, tão ávidos pelo conhecimento da nossa história e tradições e, sob este aspecto, tão abandonadas ! Parece estar havendo um absurdo desconhecimento de que História e Tradição são fatores básicos para a integração do homem à terra, portanto, para a formação do sentimento de patriotismo.

A Cadeira que ora vindes assumir, a de número 29, professora Elizabeth, desperta-me especial consideração pois sou ligado a ela - desde o seu patrono, Antônio Corrêa da Costa, aos seus dois titulares anteriores: Virgílio Alves Corrêa Filho e Virgílio Alves

Corrêa Neto, este não filho do primeiro citado - pelas leis da genética, por herança paterna e materna. Certo estou de que sabereis exaltar a memória daqueles ilustres parentes, não deixando, assim, que seja quebrado o mecanismo que faz a imortalidade acadêmica.

Em meu discurso de posse, ao entrar nesta Casa, eu já dizia: ... *as Academias existem para que os seus eleitos e as suas obras jamais sejam esquecidos, mesmo depois da total extinção física...* Tolos ou pretensiosos seríamos se achássemos que a imortalidade, que nos concede a Academia, fosse de caráter físico - em frontal oposição à Biologia - ou provinda apenas do nosso valor individual. Humildemente, sempre compreendi que, se no futuro poderei ser lembrado como acadêmico, será por ter sido feito, com o que produzi, elo de uma forte cadeia e que me cumpre não enfraquecê-la, ou quebrá-la, com a ferrugem do esquecimento dos meus antecessores e patrono. Seria um contra-senso almejar a imortalidade concedida por uma Academia e nada fazer para mantê-la viva. *Jamais um acadêmico será maior que uma Academia* - muito bem o disse, em certa ocasião, o confrade Sebastião Carlos de Carvalho.

Mais uma vez, lembrando o vosso comportamento como membro do Instituto Histórico - atuante, responsável, despojada de quaisquer pretensões descabidas ou vaidades fúteis - confio que vós, confrreira empossanda, bem compreendeis toda a grandeza e imutável nobreza da Casa que hoje vos acolhe.

Está aberta a sessão !